

A ausência como instrumento de poder em *Sebastião*, de Ferréz

Rosana Arruda de Souza⁴⁹

Introdução

Ferréz é o nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva, escritor paulista que tem como característica marcante sua ligação com a periferia, sempre trazendo à tona temas ligados a ela e pondo em cena o negro, o homossexual, o pobre e as questões crítico-sociais em que estão envolvidos.

Sebastião traz a história de um protagonista, de nome homônimo ao título do conto, cozinheiro de um hotel de luxo, que compra um sobrado numa favela. A história gira entre falar do protagonista e falar de sua casa, a ser construída no lugar do sobrado. À medida que acompanhamos a construção da casa, acompanhamos também a descrição de Sebastião. Ambos parecem compor o mesmo conjunto referencial: o ser e a casa, um faz parte do outro; apontando-se a um, aponta-se também ao outro.

O narrador diz que ele era um menino alegre, “assim meio menina” (FERRÉZ, 2015) e, logo em seguida, conhecemos a casa através de palavras que parecem corresponder à expressão meio menina, pois era a casa “mais bonita daquela viela, pequenininha, mas ajeitada a bichinha” (FERRÉZ, 2015).

O narrador trabalha com um interlocutor oculto na história e ambos parecem compor um par de vizinhos de Sebastião, na favela. Eles compõem um diálogo indireto, com falas que não são efetuadas pela presença de um travessão. A notícia da morte de Sebastião é dada com pesar e, nas falas dos dois interlocutores, imprimi-se uma reflexão acerca do preconceito:

O que matou ele num foi preconceito.
Nem nóia, nem por assalto.
Não?
Não.
O que matou ele foi a falta.
Foi mesmo, e ele tinha tanto pra dar.
E o cara matou por não ter (FERRÉZ, 2015, p. 35).

Embora o narrador afirme que o que matou Sebastião não foi o preconceito, este se mostra intrínseco ao elemento da falta, assumida pelo narrador no fim do diálogo. À falta, aqui, atribuímos o sinônimo de ausência, a mesma ausência discutida por Jacques Derrida, a qual constituiu por muito tempo a dicotomia etnocêntrica (presença/ausência) dos discursos em que se assumia que só por intermédio da voz se podia ter o *logos*, ou seja, o conhecimento. Assim, o silêncio, a escrita, aquilo que não pode falar e ser ouvido, ficaram num segundo plano, ou melhor, em plano nenhum, pois foram excluídos diante do poder representado por aquele que detém o *logos* por meio da voz.

49. Mestre em Estudos de linguagem, com concentração em estudos literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Em doutoramento em Estudos de linguagem pela mesma instituição. Bolsista CAPES/FAPEMAT. E-mail: rosanaarrudasouza@hotmail.com

Nessa esteira, Derrida designou na década de sessenta do século XX a noção de desconstrução para se referir ao processo em que a escrita, ou a escritura, como ele diz, deveria enfim assumir o seu posto de supremacia além até mesmo da fala. Ao longo dos anos, a desconstrução acabou utilizada para embasar os discursos em áreas políticas e sociais, para tratar da figura do outro que tenta desconstruir o padrão hegemônico. Outros termos levantados pelo filósofo vieram a agregar essas discussões, como o rastro, por exemplo.

Assim, ao longo deste trabalho, discutiremos o conto em cena utilizando as noções derridianas. Buscaremos analisar a maneira como o protagonista é construído, sendo uma figura ausente no texto, sem voz, apenas referenciada pelo narrador, e como isso corrobora o preconceito, principal tema da história.

Numa ótica derridiana, Sebastião prefigura a ausência e também o próprio suplemento de si e de outros. Sua presença é posta longe e, ao mesmo tempo, trazida para perto, num processo de desejo e repulsa. A casa, por sua vez, também cumpre o mesmo papel de seu dono: ora é desdenhada, ora é ovacionada e, ao final da história, supre a ausência de Sebastião depois de morto, como veremos na análise.

Do suplemento ao todo: a noção de desconstrução de Derrida

Em *Gramatologia* (2013), Derrida empreende uma discussão que contraria o que ele chama de metafísica da presença, ou seja, o período de conhecimento marcado pela dualidade significante/significado. Nesta dualidade, o significante, conferido ao tropo da escrita, era relegado à ideia de inferioridade, visto que estaria no significado (a fala) o tropo de produção original de conhecimentos. A escrita era concebida como mera imagem da fala e, por imagem, entende-se algo falho, de segundo plano, que não faz outra coisa que ser cópia malfadada dessa fala. Esta sempre vinha com o rótulo de originalidade, assentada no fato de que aprendemos a falar antes de tudo e a escrita viria depois, apenas como suplemento daquilo que já utilizamos para produzir todos os sentidos à nossa volta.

Na quebra deste paradigma, o significado deixa de existir como tal; passa a existir uma cadeia em que temos significante atrás de significante, cadeia a qual confere uma noção de linguagem entendida por algo infinito, em que não temos uma origem e tampouco um limite. Este é o princípio da escritura, lugar de produção de sentidos em que à fala mesma é dado o caráter de significante. Assim, deixa de haver um elemento superior e outro inferior, mas ambos, escrita e fala, passam a elementos que se completam no espaço da escritura, ambos significantes:

[...] significante do significante descreve [...] o movimento da linguagem: na sua origem, certamente, mas já se pressente que uma origem, cuja estrutura se soletra como “significante do significante”, arrebatase e apaga-se a si mesma na sua própria produção. O significado funciona aí desde sempre como um significante. A secundariedade, que se acreditava poder reservar à escritura, afeta todo significado em geral, afeta-o desde sempre, isto é, desde o início do jogo. Não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo de remessas significantes que constitui a linguagem (DERRIDA, 2013, p. 8).

A rejeição da escrita teria sido impressa no pensamento de Saussure que, conforme declara Derrida, atribuía a ela uma função estrita e derivada. Estrita, porque dela independe a fala; derivada, porque é representativa, significante da voz que é a presença de si mesma (DERRIDA, 2013).

Entretanto, tal perspectiva viria de algo bem mais antigo, estaria assentada no antigo mito egípcio sobre a origem da escrita retratado na obra *Fedro* de Platão. Reza o mito que o deus Thoth, considerado o inventor dos números, da aritmética, da geometria, da astronomia e do jogo de damas, vai até o deus supremo e rei de todo o Egito, Tamuz, para mostrar-lhe os seus inventos, entre os quais estava a escrita. Thoth argumentou que aquela invenção tornaria os egípcios mais sábios e proveria a memória, pois ela era um *phármakon* (elixir). Mas Tamuz respondeu que Thoth infelizmente estava atribuindo à escrita um poder oposto ao que ela possuía. Para Tamuz, a escrita produziria o esquecimento, uma vez que eles não iriam exercitar a memória por confiar na escrita que era, na verdade, um elixir da recordação, e não da memória. Por meio da escrita, as pessoas iriam ter apenas a aparência de saberem muitas coisas, não seriam sábios, apenas o aparentariam.

Para Evando Nascimento (2004, p. 20):

[...] o argumento de Tamuz para a rejeição da escrita é muito simples: ela não representa uma forma autêntica de memória, pois ao confiar a caracteres exteriores a sua própria memória interna os homens se tornarão mais esquecidos, isto é, desmemoriados. Em vez do exercício próprio de uma memória viva, autorreferida, tem-se com o texto escrito o recurso artificial a uma rememoração como signo de morte, de algo passado e exterior ao instante presente.

A escrita recebia o valor de algo artificial, algo que fica do lado fora, na ausência, não podendo competir com o caráter de presença da voz. No entanto, o que se esquece de analisar no referido mito é o caráter de ambivalência atribuído à escrita, como o faz Thoth, ao referi-la por *phármakon*. Este último é o remédio, e o remédio tem como principal característica estar na fronteira entre o bem e o mal, diferenciando-se do veneno pela quantidade empregada. É um indecível, como afirmou Evando Nascimento:

os textos de Derrida são marcados por diversos indecíveis, termos por ele recolhidos em outros autores, a fim de demonstrar a ambivalência que os articula no contexto de partida. Por natureza, os indecíveis não se reduzem à decisão filosófica que preside aos atos de julgamento, os quais se ordenam pelos valores opositivos (bem/mal, veneno/remédio, presença/ausência, feminino/masculino) (NASCIMENTO, 2004, p. 28).

Neste caso, dizer que a escrita supre a fala também coloca a palavra suplemento na esteira dos indecíveis. No senso comum, suplemento é aquilo de que se lança mão para suprir uma ausência, mas, no caso da escrita, ele se torna uma menção perigosa, porque a escrita supre por excesso, indo além do espaço da ausência, podendo ela mesma se tornar aquilo que representa:

tal como o verbo francês *supléer*, nosso verbo “suprir” detém o duplo sentido de acrescentar algo a um todo aparentemente completo (a escrita em relação à fala), mas também de substituir, de suplementar essa aparente completude, indo além de sua limitação totalizante. Esse é o risco do suplemento: ao se acrescentar a uma identidade prévia (do *logos*, ou da *phoné* autoidentificada, una, homogênea), a escrita pode supri-la, destituindo-a no ato mesmo de representar. O perigoso suplemento corrói a lógica da identidade que sustenta a metafísica da presença (NASCIMENTO, 2004, p. 29).

Retomando o mito egípcio, o deus Tamuz conferiu à escrita apenas o poder de recordação; já a memória, que tinha o valor de verdade, ele atribuía à fala. No entanto, fazendo uso do dito popular, uma mentira contada várias vezes, vira verdade. Neste caso, uma recordação escrita várias vezes, passa a substituir o fato ou a verdade recordada, de maneira que aquilo que era ausente mostra seu valor não como par opositivo da presença numa dicotomia, mas como aquilo que desencadeia um processo em que um significante puxa outro e ambos não são nem menos, nem mais, apenas são.

É com essa visão que Derrida apresenta a noção de desconstrução como uma maneira utilizada para criar um impasse no *logos* estabelecido, fazendo vir à cena o que antes o discurso de verdade e presença tornava ausente. O termo desconstrução passou a ser empregado em outros campos além do da filosofia e além de referenciar a questão da escrita. Passou a referenciar o campo da cultura de uma maneira geral, sendo a cultura ela mesma um tropo de escritura, pois se constrói por meio de significantes:

a desconstrução é um processo geral da própria cultura ocidental e mundial, e tem a ver com a possibilidade do advento do outro e da diferença do discurso metafísico, o qual gostaria de se dar como uno e idêntico a si mesmo. Nesse sentido, ela diz respeito a recalques históricos que resultariam no etnocentrismo da cultura europeia, em relação ao qual

o texto platônico seria até certo ponto sintomático [...] Ao romper com a lógica da não-contradição filosófica, indecidíveis como escrita/escritura, *phármakon* [...] dentre outros, abrem a filosofia para o que sua tradição de pensamento recalçou, reprimiu, obliterou, em suma rebaixou (NASCIMENTO, 2004, p. 31).

A desconstrução pode, pois, ser trabalhada em diversas situações além dos textos de Derrida. Podemos utilizá-la para discutir, por exemplo, a questão do preconceito que se assume sobre a homossexualidade no conto *Sebastião*. Toda vez que colocamos um objeto em impasse e analisamos seus limites e suas intercorrências além daquilo que foi estabelecido como um seu limite, lidamos com um trabalho de desconstrução. Assim, podemos pensar no quanto e como são articulados os elementos narrativos no conto para insuflarem (desconstruindo) a dicotomia hegemônica hétero/homo, de maneira que esta deixe de corresponder à maior dicotomia de todas: bem/mal.

Nessa ótica, o suplemento, sendo aquilo que supre uma falta e podendo substituir o próprio objeto onde há a falta, representa uma ameaça. Por isso a escrita é tida como uma ameaça, pois ela vem como algo que questiona o *logos* estabelecido historicamente e desconstrói as dicotomias hegemônicas. A escrita pode ser considerada como a diferença que ganha poder, ou seja, constrói-se, desconstruindo-se, vindo a ser o que Derrida (2004, p. 35) chamou de rastro:

a realidade da coisa é o próprio rastro. A coisa em si nunca existiu, pois o que sempre ocupou o lugar da origem nada mais foi do que o rastro, isto é, a marca de uma inscrição arcaica (sob rasura) que não se deixa mais apreender na oposição presença/ausência, mas a precede como meio indecidível.

O signo, isto é, o *logos*, que sempre fora utilizado como maneira de demarcar (rotular) as coisas é desmitificado sob a instância do rastro. A palavra passa a ser um rastro. O nome é um rastro e ele não faz outra coisa do que denunciar a ausência e é dentro desta ausência que vários significantes são agenciados, de maneira que, assim, o rastro permanece em seu estado de potência. “A restância do rastro é o índice mesmo de sua resistência” (NASCIMENTO, 2004, p. 35).

A desconstrução em *Sebastião*

A potência de significação no conto analisado se inicia desde o título. O título destaca a figura de um sujeito. Veremos se, ao longo da história, à figura do protagonista é rendido tamanho destaque, ou se o título não seria um suplemento daquilo que falta no conto, uma maneira de compensar a figura apagada do sujeito.

O conto se inicia pelas frases:

Esse hÔmi comprou ali aquele sobradinho.
Mas tadinho, tão malacabado aquele barraco (FERRÉZ,
2015, p. 33).

Verificamos a disposição das palavras na página, que aparecem tal como foram aqui citadas, de maneira que “hÔmi” e “tadinho” ficam paralelos, como se correspondessem um ao outro, ainda que, num plano horizontal, “tadinho” se refira a barraco.

Sugerimos que, neste primeiro momento, já ocorre uma depreciação da figura do protagonista cujo nome, aliás, é substituído por “esse hÔmi”. Teria iniciado aí um processo metonímico em que “hÔmi” se deixa referenciar pela casa e vice-versa. Não dizemos processo metafórico, porque entendemos que a situação se dá mesmo pela relação entre o todo e a parte, de maneira que o “hÔmi” ganha certo valor em função daquilo que ele é capaz de comprar e construir. Por outro lado, como veremos, a construção da casa também ganha valor condicionado pela figura de quem a constrói.

Ocorreria entre o homem e aquilo que ele constrói uma relação de escritura. Ambos são significantes um do outro, e tal será a maneira como ambos serão evocados, que se confundirão, até que não saibamos distinguir um do outro.

Assim, assumimos que “hÔmi” é um rastro que se constrói se desconstruindo à medida que outros significantes se sobrepõem a ele. Ele passa a ser um objeto indecível, pois nos perguntamos: quem é “este hÔmi”? Seria mesmo o Sebastião que estrela a entrada ao conto, ocupando o centro da página, ou apenas o “tadinho” que comprou um sobradinho com barraco malacabado?

Para Georgia Amitrano (2015, p. 620), com o rastro:

Derrida nos remete à noção de “arbitrário”. E é na arbitrariedade, no inesperado, naquilo que não pode ser previsto, que se observa o fato de um dado significante não depender efetivamente da livre escolha daquilo que se fala, bem como este não possuir uma amarra necessária com o que significa. Em outras palavras, aquilo que temos como tangível, perceptível, o material do signo nem sempre se liga ao conceito abstrato a ele imposto.

Com o rastro, somos incumbidos de lidar com a ausência. Em outras palavras, vemos (escutamos) o que está na página, mas vamos atrás daquilo que não está dito, mas que aparece ali, sob a mudez e invisibilidade da potência. O rastro nos possibilita colocar as relações humanas em paralelo com as relações linguísticas, de maneira que vemos os sujeitos condicionando-se por meio de seus opostos, tal como acontece com as palavras. Isso vai de encontro ao prisma do significante/significado, que reinava na metafísica da presença, porque com o rastro temos um significante puxando outro, e não um significado que acaba por limitar o significante.

Queremos dizer que o poder de Sebastião (e do próprio texto) está em sua ausência, no fato de não podermos limitá-lo a um ente apenas. Segundo Derrida (2013, p. 32), “a escritura não-fonética quebra o nome. Ela descreve relações e não denominações. O nome é a palavra, estas unidades do sopro e do conceito, apagam-se na escritura pura”.

Podemos supor que a metafísica da presença se assenta numa metafísica do ser. Ao longo do conto, vemos que o narrador, em conjunto com seu interlocutor, estabelece a Sebastião um processo de coibição para que ele seja. Ele precisa ser algo, preferencialmente, algo que se deixe delimitar, em vez de ascender, através de outros significantes. Em outros termos, coíbe-se Sebastião a ter um significado. Assim, depois das duas referidas frases, temos:

Pelo preço até que diria que num fez bom negócio.
Mas também diz que mexe com cozinha e tem até sócio.
Nada, ele é cozinheiro em hotel de grã-fino (FERRÉZ, 2015, p. 33).

No trecho acima, percebemos que a caracterização não de Sebastião, mas do “hômi”, continua, uma vez o nome próprio ainda não ter sido proferido. Assim, além de comprar um sobrado, o “hômi”, segundo supõem o narrador e seu interlocutor, mexe com cozinha em hotel de grã-fino.

Compreendemos que diante da ausência de Sebastião no texto – não apenas de seu nome próprio, mas de sua presença e de sua voz – alguns elementos são articulados como suplemento de sua ausência. Assim, é como se Sebastião tivesse sua imagem projetada na fala dos interlocutores, mas essa imagem é um tanto falha, pois embora não sejam mencionadas palavras de baixo calão, percebe-se um tom de rebaixamento do objeto referenciado na conversa.

Supomos que se delineia aqui, literalmente, a dicotomia presença/ausência, correspondendo a narrador e interlocutor de um lado e a Sebastião de outro. No entanto, o processo de construção de sentidos aí se mostra desconstrucionista, pois é no campo da presença, da voz, que se mostra a imagem falaciosa e distorcida.

Retomando o mito egípcio sobre a origem da escrita, Nascimento (2004) pontua que:

[...] o verdadeiro saber a que aspira o discurso filosófico não [podia] ser confiado ao texto escrito, evidenciando-se uma oposição sutil entre um saber como memória e um não-saber como rememoração, repetição de repetição, artifício. Há de um lado, uma repetição de verdade que dá a ver e apresenta a essência das coisas, como remissão inequívoca à origem simples. E, do outro, uma repetição de morte e de esquecimento, que desvia porque não apresenta, mas re-presenta, des-apresentando e desvirtuando a origem e a essência das coisas (2004, p. 23-24).

No conto, ocorre um processo de desconstrução do que fora pontuado no mito egípcio, de onde se apreende a perspectiva que era a escrita, ou seja, o ausente, que desencadeia a imagem desvirtuada do objeto. O que nós temos são, sim, os detentores da fala desencadeando uma imagem cheia de lacunas a respeito de Sebastião.

Evocamos o trecho do conto que segue ao trecho citado anteriormente:

Magrinho esse menino.
Sebastião vive no bar, enquanto os pedrero⁵⁰ tão que
tão mexendo na sua casa.
Pra que sacada? E os detalhe em madeira você viu?
Aquele tanto de gente todo dia lá.
Tanto dinheiro gasto numa favela porca dessa
Deixa o menino, nem todo mundo tem que querer
viver nas coisa zoadas (FERRÉZ, 2015, p. 33).

No trecho acima, pela primeira vez o nome do protagonista é evocado no corpo do texto. Este nome pode ser considerado como um rastro, pois, embora referencie a pessoa nomeada, não a descreve e não nos diz quem ela é. Até agora, não sabemos quem é Sebastião, porque ele não se pronunciou. O que temos constitui uma cadeia de significantes que menos constrói sua imagem, do que a desconstrói. Devemos pensar o sujeito ausente, como Derrida pensa sobre o rastro que:

não é somente a desapareição da origem, ele quer dizer que [...] a origem não desapareceu sequer, que ela jamais foi retroconstruída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna, assim, a origem da origem. Desde então, para arrancar o conceito de rastro ao esquema clássico que o faria derivar de uma presença ou de um não-rastro originário e que dele faria uma marca empírica, é mais do que necessário falar de rastro originário ou de arqui-rastro (DERRIDA, 2013, p. 75).

Assim, ao invés de entendermos as informações proferidas pelo narrador como rastro que nos levariam a Sebastião, podemos anular o caminho, pois numa ótica derridiana, o próprio Sebastião se torna rastro de si. Isso porque, aqui, ele se transformou em significante e desempenha o papel de rastro, sendo, portanto, imotivado. Necessita-se pensar o nome desligado da pessoa da mesma maneira que “é preciso pensar o rastro antes do ente. Mas o movimento do rastro é necessariamente ocultado, produz-se como ocultação de si. Quando o outro anuncia-se como tal, apresenta-se na dissimulação de si” (DERRIDA, 2013, p. 57).

No trecho abaixo, o “hômi”, agora tratado por “menino”, entremeia-se num processo em que seu rastro é apagado pela figura de outro rastro, o da casa:

50. O texto é descrito conforme o original, trazendo as formas que arremedam a oralidade como “os pedrero”, “nas coisa zoadas” etc.

alegre esse menino.
 É assim meio menina sabia?
 Deixa de falar da vida dos outros.
 Mas num é a casa mais bonita dessa viela?
 Verdade, com esse forro, pequenininha, mais ajeitada
 a bichinha.
 E a samambaia? Chega tá arrastando no chão.
 E o rosto de Jesus na sala, em três dimensão?
 Acho que trouxe esse quadro do estrangeiro (FERRÉZ,
 2015, p. 34).

Diante da menção “meio menina”, pede-se que cesse o falar da vida dos outros, o que é prontamente atendido pelo interlocutor que desvia sua fala para tratar da casa. No entanto, percebemos uma ironia ocultada na fala dos dois, de maneira que a casa se torna rastro que leva ao menino. A irreverência de narrador e interlocutor ao falarem da casa excede esta última, assim, a fala vem como excesso daquilo que não foi trazido a lume. É como se a “alegria do menino meio menina” estivesse maldosamente sugerida na “bichinha” da casa e na “samambaia que se arrasta no chão”.

Em seguida, porém, o que havia ficado na ausência não se contém mais, ultrapassa seu lugar de suplemento vindo a ocupar uma das vozes que impera no conto:

Moço educado, num pensei que viado fosse assim.
 Num muda nada, não, hõmi, é ser humano.
 Eu sei, só tô dizendo que esse Sebastião num aparenta.
 Vem abraçando a gente assim no bar, sem mardade.
 O que manda, hõmi, é a honestidade (FERRÉZ, 2015, p. 34).

Percebemos o quanto a construção da figura de Sebastião se apresenta no caminho da escritura. Lembrando que escritura para Derrida foi um termo utilizado para se referir não apenas à escrita, mas a todo processo de significação, de maneira que a própria fala, não resistindo ao que antes era suplemento, acaba por se tornar também um significante, portanto, um dos elementos da escritura. Nesse sentido, a escritura extrapola o campo físico do texto, pois requer que lidemos com a ausência uma vez que nesta também há significação. Para Derrida (2013, p. 54), “se escritura significa inscrição e primeiramente instituição durável de um signo [...] a escritura em geral abrange todo o campo dos signos linguísticos”.

Voltando ao trecho em destaque, utilizamos a escritura para romper o *logos* apresentado e verificar nas expressões “moço educado” e “sem mardade” justamente o que vem a exteriorizar ainda mais a figura de Sebastião. Compreende-se que a “aceitação” de sua homossexualidade é condicionada por rótulos cuja intenção seria a de atenuá-la, em outras palavras, supri-la, como se ela precisasse de suplemento, como se na homossexualidade houvesse a falta do que é educado e do que é bom.

Prosseguindo com o conto, temos:

Nossa nem acreditei.
 Coisa de fela da puta, fazer isso com o menino.
 Disse que os parente dele no Norte tá tudo revoltado.
 Também fazer isso com o bichinho.
 Não carecia de tanta maldade.
 Matar enforcado que nem um animal.
 Um cabra tão do gente boa, morrer deitado.
 O que matou ele num foi preconceito.
 Nem nóia, nem por assalto.
 Não?
 Não.
 O que matou ele foi a falta.
 Foi mesmo, e ele tinha tanto pra dar.
 E o cara matou por não ter (FERRÉZ, 2015, p. 35).

No trecho acima, conferimos o arremate da vida de Sebastião. Sua ausência agora é reconhecida e se constitui, também, através da desconstrução.

“O suplemento opera uma reversibilidade dos contrários, uma vez que estes deixam de ser o simples complemento opositivo um do outro” (NASCIMENTO, 2004, p. 28). Nesse momento do conto, acompanhamos a ruptura de um dos grandes *logos* impetrado na metafísica da presença, o da presença/ausência. Assim, como se ponderou a respeito do suplemento, os dois itens, presença e ausência, deixam de ser opositivo um do outro, porque é na morte de Sebastião – em sua ausência eterna – que sua presença se eleva. Reconhece-se que o que o matou foi a falta, não a dele, mas a falta imprimida em seu assassino, e Sebastião, ao contrário, tinha muito para dar, era presença viva.

Apesar de Sebastião não ter voz ao longo do conto, seu poder foi conferido por meio do silêncio e da ausência, pois estes últimos não demarcam, de forma alguma, uma nulidade de sentidos, muito pelo contrário. Silêncio e ausência também fazem parte da escritura e têm, portanto, significação.

O trecho, abaixo, finaliza o conto:

A casa de Sebastião continua aberta para todos, lá hoje é uma casa cheia de livros para as crianças, e ainda continua a casa mais bonita da rua (FERRÉZ, 2015, p. 35).

Retomando a questão da reversibilidade dos contrários através do suplemento, podemos considerar que tudo que vinha sido dito anteriormente era um adiamento que levaria a um contrário. Assim, o “tadinho” e o “malacabado barraco” crescem ao longo do texto e se tornam “a casa mais bonita da viela”, “aberta a todos”. E se, como no início, consideramos a casa como extensão de seu dono, Sebastião também cresce e sua presença é reconhecida no final da história: seu nome aparece pela segunda vez para assinalar o pertencimento da casa a alguém – era a casa de Sebastião.

Considerações finais

Derrida (2013) afirma a necessidade de se desconstruir a problemática do *logos*, porque este não é uma atividade criadora, é a ideia de signo que precisa ser desconstruída.

Levando em conta que a desconstrução passou a ser utilizada para intermediar questões além do campo filosófico, podemos ler a colocação de Derrida como a necessidade de nos desapegarmos da presença como ponto central de conhecimento – o sujeito pode não ser aquilo que está sendo dito dele.

Não está em jogo aqui uma anulação do signo, mas o reconhecimento de que ele faz parte de uma instituição, portanto, é sempre preciso conferir suas relações com outros signos e, por que não, rompê-las.

No caso do conto *Sebastião*, a ruptura foi feita um tanto tarde, no texto, porque, aos olhos do leitor, que trabalhou com a ausência, aquela foi verificada desde o título, que centralizava apenas o nome, enquanto que a Sebastião coube, até sua morte, o espaço da ausência.

Referências

AMITRANO, Georgia. Com-por, rastros e espectros de Derrida. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 29, n. 58, p. 615-630, jul./dez 2015.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FERRÉZ. *Os ricos também morrem*. São Paulo: Planeta, 2015.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.